

A GEOGRAFIA CULTURAL BRASILEIRA: UMA AVALIAÇÃO PRELIMINAR

Roberto Lobato Corrêa
Universidade Federal do Rio de Janeiro
ppgg@acd.ufrj.br

Zeny Rosendahl
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)
rosendahl@engenharia.org.br

Resumo

Abstract

Palavras-chave:

Key Words:



INTRODUÇÃO

A despeito da geografia acadêmica brasileira ter sido criada em 1934, com a implantação do curso de Geografia e História na Universidade de São Paulo, foram necessários 60 anos para que a geografia cultural fosse reconhecida, e ainda assim por poucos geógrafos. E este sub-campo já tinha longa história na Europa e nos Estados Unidos, tendo se desenvolvido a partir de 1890 (CLAVAL, 1999). Este texto reporta-se à trajetória da geografia cultural brasileira.

Quais foram as razões que levaram ao desenvolvimento tardio da geografia cultural no Brasil? Em que contexto este sub-campo emerge no Brasil? Como se caracteriza a sua produção? Estas três questões balizam este texto. Sobre uma prévia avaliação da geografia cultural no Brasil veja-se Corrêa e Rosendahl (2007).

O DESENVOLVIMENTO TARDIO

O desenvolvimento tardio da geografia cultural no Brasil tem várias razões que ao longo do tempo vão se justapondo, produzindo o negligenciamento com o sub-campo. A primeira, mais intensa e de efeitos que se prolongam além do período de sua predominância, é a combinação de uma excessiva influência da

corrente vidaliana de geografia com a precária apropriação dessa mesma corrente por parte dos geógrafos brasileiros, formados, em suas primeiras gerações sob a influência daquela corrente. A geografia vidaliana pode ser melhor definida como geografia regional, na qual a cultura, entendida em sentido amplo, constitui-se em mais um componente das complexas relações sociedade-natureza que caracterizava as regiões francesas e ultramarinas. Ainda que se possa reconhecer uma geografia cultural francesa entre 1890 e 1940 (CLAVAL, 1999), entendemos que um dado campo da ciência passa a ter existência quando reconhecido explicitamente por aqueles que a praticam, o que não ocorria entre os geógrafos franceses nem entre seus discípulos brasileiros.

A precária apropriação por parte dos geógrafos brasileiros da primeira geração, com poucos recursos e com amplo e desconhecido território a ser analisado, gerou pesquisas que abordaram as relações sociedade-natureza privilegiando aspectos relativos ao povoamento, sistemas agrícolas e o urbano. Com suas exceções não se pode falar em geografia cultural brasileira nos primeiros 35 anos da disciplina. A qualidade dessas pesquisas é variável, algumas delas tendo contribuído decisivamente para o desenvolvimento da geografia brasileira.

O Congresso da União Geográfica Internacional, realizado no Rio de Janeiro em 1956, não contribuiu para o desenvolvimento da geografia cultural, mas de outros sub-campos, particularmente o da geografia urbana (CORRÊA, 1994).

A primeira causa tem como complemento o desinteresse dos geógrafos culturais norte-americanos pelo Brasil. Carl Sauer e seus discípulos dedicaram-se, quando realizando pesquisas fora dos Estados Unidos, à América de língua espanhola, particularmente o México (Corrêa, 1997a). Uma das poucas exceções foi a de Hilgard Sternberg, brasileiro, catedrático de Geografia do Brasil na então Universidade do Brasil, renomeada Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu interesse pela geografia cultural e suas relações com Sauer levaram-no, na primeira metade dos anos 60, a se tornar professor na Universidade da Califórnia, em Berkeley, tornando-se colega de Sauer. Sua tese para a cátedra é um exemplo de geografia cultural saueriana, intitulando-se “A Água e o Homem na Várzea do Careiro” (STERNBERG, 1998). Contudo, não deixou discípulos no Brasil, suas principais assistentes, Maria do Carmo Galvão e Bertha Becker tendo outros interesses.

A expansão dos cursos de geografia no Brasil a partir de 1970, foi acompanhada pelo desenvolvimento relativo da geografia teórico-quantitativa entre 1970 e 1978 aproximadamente. Esta é a segunda razão que gerou o desenvolvimento tardio da geografia cultural no Brasil. Para os adeptos dessa corrente a cultura era secundária, marginal ou residual. No melhor dos casos a cultura seria transformada em uma variável que comporia uma matriz de informações.

A terceira causa, que emerge em 1978, vincula-se à influência do materialismo histórico e dialético, apreendido, em muitos casos, de forma superficial e com equívocos. A cultura poderia ser deixada de lado, pois era concebida por muitos como superestrutura, determinada pela base econômica, esta sim, que deveria ser estudada, assim como os conflitos advindos das relações de produção (Corrêa, 2003).

Há, naturalmente, antecedentes, isto é, uma produção isolada que não suscitou no futuro imediato uma seqüência de estudos. Estes antecedentes devem-se à capacidade criativa de um ou outro pesquisador que é capaz de inovar em um dado sub-campo da disciplina. Maria Cecília França, no campo da geografia da religião é um bom exemplo, assim como o é Hilgard O’Reilly Sternberg.

O CONTEXTO

O desenvolvimento de um campo do conhecimento científico se dá de modo contextualizado, inserido em contexto duplamente escalar. Primeiramente encontra-se inserido no movimento da ciência, particularmente do sub-campo que se investiga. Trata-se do contexto externo. A esta acrescenta-se, em outra escala, o contexto interno ou local, onde processos e características gerais, do contexto externo, são apropriados por pessoas que reúnem curiosidade, imaginação e empreendedorismo para absorver, e eventualmente re-trabalhar, um conhecimento novo ou julgado como tal. Consulte-se Barnes (2004) sobre este tema controverso.

O contexto externo nos remete sobretudo à geografia cultural anglo-americana que, a partir da década de 1970, e sobretudo durante os anos 80, é re-configurada a partir de diversas matrizes (JACKSON, 1989, COSGROVE e JACKSON, 2003).

A geografia cultural é renovada e nesta renovação os pontos a seguir são relevantes. Veja-se sobre o assunto Corrêa (2007).

(a) A geografia cultural renovada liberta-se da visão de cultura como entidade supra-orgânica, independente, pairando sobre a sociedade e determinando as suas ações. Esta visão deriva do pensamento darwinista social de Herbert Spencer que, por intermédio do antropólogo Alfred Kroeber, professor em Berkeley, chega a Carl Sauer e aos seus discípulos, que a adotam. Esta visão recebeu em 1980 a crítica contundente de Duncan (2003). A cultura passa a ser considerada como um contexto, isto é, um reflexo da prática social e simultaneamente um meio no qual essa prática se efetiva e uma condição na qual essa mesma prática tende a se reproduzir. A cultura é, assim, uma construção social, construída e reconstruída, constituinte e reconstituente, porém vivida diferenciadamente pelos diversos grupos sociais, resultantes de uma combinação de traços relativos à classe, gênero, idade, etnia e religião, entre outros aspectos. Fala-se em diversidade cultural (WILLIAMS, 2003, GEERTZ, 1989). A distinção entre cultura – entidade supra-orgânica e cultura – contexto separa, em princípio, a geografia cultural saueriana e a geografia cultural renovada. Consulte-se Hoefle (1998).

(b) A diversidade metodológica, teórica e temática caracteriza a geografia cultural renovada, tratando-se de um enorme ganho para a geografia. Estes aspectos foram influenciados pelas mudanças que, a partir da década de 1970 afetaram toda a ciência, não sendo específicos à geografia cultural (CAPEL, 1981, LIVINGSTONE, 1992 e GOMES, 1996). A geografia cultural beneficiou-se com aportes do marxismo, fenomenologia, hermenêutica, ciências sociais e humanidades, como a crítica literária e a lingüística, e das ciências naturais. A geografia cultural torna-se plural, constituindo-se, segundo Duncan (2000) em uma heterotopia. Myers, Geevy, Carney e Keeny (2003), por sua vez, assinalam que em relação aos Estados Unidos a geografia cultural a partir dos anos 90 apresenta três perspectivas, humanista, marxista e pós-estruturalista que, para muitos autores se interpenetram. Junte-se ainda a geografia cultural saueriana, com discípulos de quatro ou cinco gerações.

A diversidade da geografia cultural renovada inclui a denominada abordagem cultural em geografia dos geógrafos franceses liderados por Paul Claval. Incorpora ela a tradição vidaliana e as reflexões de geógrafos franceses com experiência ultramarina e um esforço de se aproximar de seus colegas anglo-americanos. Consulte-se Corrêa e Rosendahl (2002) e sobretudo Claval (2003).

(c) Significados constitui a palavra-chave da geografia cultural renovada. Incorpora a tese de Cassirer (2001), de que para a compreensão da realidade social é necessário se ir além de sua organização, constituição e estrutura, introduzindo-se os significados que dela fazem aqueles que com suas práticas sociais construíram a própria realidade. Trata-se de interpretar a espacialidade criada e seus sentidos. Pois,

como afirma Cosgrove (2003, p. 103), “toda atividade humana é ao mesmo tempo material e simbólica, produção e comunicação”.

Os símbolos, contudo, podem expressar vários significados, ainda que haja a intenção por parte daqueles que os conceberam, de dotá-los de um único significado. Hall (1997) reafirma a perspectiva construtivista, na qual os símbolos são abertos, instáveis, sujeito a diferentes interpretações de acordo com as experiências de cada grupo social. Fala-se em polivocalidade, um antídoto contra a imposição de um único significado que as elites, em sua hegemonia cultural pretendem impor.

Trata-se de se penetrar no “mundo dos significados” (COSGROVE, 2000), que reafirma a diversidade de interpretações, construídas, em parte, por intermédio da imaginação que re-elabora metaforicamente tudo aquilo que os sentidos captam. Os significados criados, no entanto, constituem também um meio e uma condição social. Veja-se, a respeito, Berque (1998).

A importância dos significados para a geografia cultural renovada levou Jackson (1989) a denominar o seu livro de geografia cultural de “Maps of Meaning”, uma metáfora espacial e cultural. Aponte-se, finalmente, que a análise dos significados pode ser feita em relação a qualquer aspecto da espacialidade humana, qualquer período de tempo e em diferentes escalas espaciais.

(d) Para muitos geógrafos há uma nítida dimensão política na geografia cultural renovada. Esta dimensão aparece ao se apontar as relações entre cultura, classes sociais, poder, políticas culturais (WILLIAMS, 2003) e política de significados (GEERTZ, 1989). As relações entre cultura e política manifestam-se tanto materialmente como imaterialmente, apresentando uma espacialidade que as torna de interesse para o geógrafo. A paisagem da classe dominante (COSGROVE, 1998), os monumentos celebrando vitórias militares ou contestando certas práticas (CORRÊA, 2005) e os debates em torno de se renomear ruas em cidades norte-americanas em homenagem a Martin Luther King Jr. (ALDERMAN, 2003), são exemplos da relação entre cultura, política e espaço. Consulte-se, a propósito, Mitchell (2000).

Traços do contexto externo foram absorvidos e re-elaborados por alguns poucos geógrafos brasileiros. Consideremos a década de 1980 que no Brasil, e em termos de geografia, pode ser caracterizada pelo predomínio de uma visão calcada em uma perspectiva crítica. Em sua segunda metade há dois eventos independentes que irão, no começo dos anos 90 convergir para a criação de infra-estrutura necessária para a prática da geografia cultural. Em 1989 Roberto Lobato Corrêa publica na Revista Brasileira de Geografia o artigo Carl Sauer e a Geografia Cultural, republicado mais tarde no livro Trajetórias Geográficas (CORRÊA, 1997). Este texto nasceu de uma demanda da Editora Ática para a elaboração de uma coletânea sobre Sauer, que faria parte da coleção “Os Grandes Cientistas Sociais”. Em 1989, por outro lado, Zeny Rosendahl ingressa na Universidade de São Paulo para fazer o seu doutorado sobre o centro de peregrinação Porto das caixas, localizado na periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro. Sua tese foi defendida em 1994 (ROSENDAHL, 1994).

A convergência dos dois eventos verificou-se a partir de uma co-orientação, por sugestão de Maria Cecília França, de Roberto Lobato Corrêa a doutoranda. Nesta convergência a geografia cultural constituía-se em denominador comum. Em outubro de 1993 é criado por Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa um pequeno núcleo que deveria ser o foco de pesquisas sobre as relações espaço e cultura. Trata-se do NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura), sediado no Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde Zeny Rosendahl trabalha. Em outubro de 1995 é criado o periódico Espaço e Cultura e em 1996 é publicado o primeiro volume da coleção de livros “Geografia Cultural”. O periódico já está em seu 25º volume e foram publicados 15 volumes da coleção “Geografia Cultural”.

Outros eventos independentes ocorreram a mesma época, mas não geraram convergências capazes de estabelecerem uma progressivamente forte geografia cultural. Entre esses eventos mencionam-se aquele associado a Maria Geralda de Almeida, publicando um texto sobre a geografia cultural francesa (ALMEIDA, 1993) e associado à publicação do primeiro estudo sobre monumentos, política e espaço (DINIZ FILHO, 1992). A dissertação de mestrado de João Baptista Ferreira de Mello, defendida em 1991, no âmbito da geografia humanista, poderia ser um evento isolado, mas foi orientada por Roberto Lobato Corrêa; adicionalmente, na primeira metade dos anos 90. Ferreira de Mello torna-se docente na UERJ, sendo um dos membros do NEPEC.

A dissertação de mestrado de Werther Holzer (HOLZER, 1992) na UFRJ, sob a orientação de Maurício de Almeida Abreu, seria um evento independente, mas Holzer tornou-se um ativo participante dos simpósios organizados pelo NEPEC. Em 2008 ele e Livia de Oliveira, da UNESP, Rio Claro, criaram um núcleo de pesquisas dedicado à geografia humanista. Outros núcleos de pesquisas foram criados na primeira década do século XXI em Uberlândia, Curitiba e Recife, atestando a difusão da geografia cultural no Brasil. Seus criadores participaram das atividades do NEPEC.

A PRODUÇÃO BRASILEIRA

A produção brasileira em geografia cultural passou, a partir de 1995, por um muito significativo e contínuo crescimento. Dissertações de mestrado, teses de doutorado, conferências, artigos publicados em coletâneas e periódicos, assim como editados em CD's, compõem um importante acervo. Seis simpósios organizados pelo NEPEC, dos quais dois de âmbito internacional, realizados a cada dois anos, de 1998 a 2008, no Rio de Janeiro, um simpósio internacional sobre a dimensão histórica da cultura, realizado no Rio de Janeiro em 2003 sob os auspícios da União Geográfica Internacional, e outros, realizados em Curitiba e Salvador, organizados pelo Núcleo de Estudos sobre Espaço e Representação (NEER), em Goiânia e Manaus, evidenciam o crescimento da geografia cultural no Brasil.

Esta produção afirma a adoção pelos geógrafos brasileiros da geografia cultural que, se de um lado teve que sobrepujar preconceitos e o temor de um sub-campo novo desafiar as estruturas estabelecidas de poder acadêmico, de outro, resulta, em parte, dos estímulos das agências de fomento à pesquisa, que com base em critérios quantitativos premia instituições e pessoas produtivas. Ressalte-se que esta política abrange todos os campos da ciência. Nesta tensão entre preconceitos/temor e estímulos, difunde-se a geografia cultural. Mas deve ser enfatizada a produção daqueles geógrafos que encontraram na geografia cultural mais um outro meio de tornar inteligível a ação humana na superfície terrestre.

A produção brasileira caracteriza-se pela diversidade teórica, metodológica e temática, que estão necessitando de uma avaliação mais acurada, a qual demanda mais tempo de pesquisa. Contudo, é possível apresentar alguns aspectos essenciais dessa produção, ainda que não exaustivamente.

Nesta avaliação deve ser ressaltada a estratégia adotada pelos organizadores da coleção “Geografia Cultural” e editores do periódico “Espaço e Cultura”, de tradução de importantes trabalhos publicados originalmente em língua inglesa, francesa, em maioria, alemã e castelhana. Esta estratégia visa não apenas a divulgação de textos básicos, como de viabilizar uma base teórica para as gerações futuras. Ressalte-se que esta estratégia é corrente nas demais ciências, sendo pouco usual na geografia brasileira. Nesse sentido, foram traduzidos e publicados textos de Carl Sauer, Philip Wagner, Marvin Mikesell, Donald Meinig e Daniel Gade, todos vinculados à geografia cultural tradicional, Denis Cosgrove, Peter Jackson, James Duncan e Don Mitchell, vinculados à geografia cultural renovada. Entre os franceses foram publicados textos de Max Sörre, Jean Gallais, Jöel Bonnemaïson e Paul Claval. Paul Fickeler, Carl Tröll, alemães,

e Marc Brosseau, canadense, compõem com anglo-americanos e franceses um conjunto de cerca de 50 textos traduzidos e publicados.

O Quadro 1 descreve a produção brasileira em geografia cultural entre 1995 e 2008. Longe de ser exhaustiva inclui os textos publicados na coleção “Geografia Cultural” e nos 25 volumes do periódico Espaço e Cultura. São 134 referências distribuídas em 17 temas. Os temas resultaram de uma interpretação na qual foram aglutinados diversos assuntos considerados próximos. Neste processo temas não muito distantes foram novamente agrupados, como são os casos do tema Literatura e Música e História (da geografia cultural) e Biografia (análise da obra de importantes geógrafos culturais). Por outro lado, foram considerados como Reflexões Teóricas aqueles textos que propuseram conceitos e caminhos para a pesquisa, aí não se incluindo análises empíricas teoricamente lastreadas. Ressalte-se que inúmeros textos poderiam ser enquadrados em mais de um tema, tendo havido a opção de enquadrá-los naquele tema que mais adequado parecia. Como se trata de uma interpretação os temas e o enquadramento dos textos estão sujeitos à re-interpretação. Os autores são brasileiros ou residentes no Brasil, aqui desenvolvendo suas atividades acadêmicas.

A análise do Quadro 1 possibilita alguns comentários preliminares. Três temas, Religião, História e Biografia e Festas concentram 40% do total de 134 textos considerados. Inúmeros e importantes temas caracterizaram-se como pouco expressivos, Formas Simbólicas, Espaço Público, Economia (cultural), Gênero e Sexualidade e Região Cultural, todos com até 4 referências.

A ênfase na temática da Religião (23 textos) deve-se à importância que o tema desfruta no NEPEC. Três sub-temas caracterizam os estudos feitos, a territorialidade da Igreja Católica, difusão espacial e área de abrangência e os centros de peregrinação. Nesta temática sobressaem os estudos de Zeny Rosendahl e de seus orientandos, Barbosa de Jesus, Márcio Corrêa, Andrade e Lamego, entre outros. Há, em relação a esta temática, posições distintas que diferenciam a produção de Zeny Rosendahl, de um lado, e a de Gil Filho, de outro, constituindo essa diferença, em fonte de debates, aprofundamento e avanços.

A expressiva frequência dos textos vinculados à temática História e Biografia deve ser creditada à necessidade, em um sub-campo novo, de se resgatar a produção teórica e os autores da geografia cultural. Resgata-se alguns debates realizados, discute-se algumas proposições feitas, assim como as contribuições de autores como Augustin Berque, Eric Dardel, Carl Sauer, Yi-Fu Tuan, Otto Schlüter, Franz Boas, Anne Buttimer e David Lowerthal. Esta temática constitui-se em fonte de reflexões sobre a geografia cultural.

Com 15 textos o tema Festas inclui estudos voltados sobretudo para festas religiosas e o carnaval. Trata-se de esforço de se estabelecer a geograficidade de manifestações culturais que têm se constituído em tradição nas outras ciências sociais. Os textos de Maia, A. Corrêa e Ferreira são expressões deste esforço.

Com um número de textos compreendido entre 9 e 11 estão os temas Literatura e Música, Paisagem Cultural, Imaginário Espacial, Identidade Territorial e Reflexões Teóricas. Constituem também um grande esforço de incorporação de temas que não fazem parte da tradição geográfica brasileira, temas abordados de acordo com as perspectivas da geografia cultural renovada. Os trabalhos de Almeida, Barbosa, Iná Castro, Gomes, Haesbaert, Hoeffle, Holzer e Monteiro constituem referências básicas.

Há, finalmente, temas que despontaram recentemente como o de Gênero e Sexualidade e Região Cultural, que estão a merecer maiores atenções por parte dos geógrafos brasileiros.

Quadro 1 - Temas Abordados Pelos Geógrafos Brasileiros

TEMAS	AUTORES
• Economia e Cultura	Pires do Rio (2001, 2003)
• Espaço Público	Gomes (2001), Marcial (2006), Valverde (2006)
• Festas	Bezerra (2007), Corrêa, A. (2003, 2005), Felipe (2007), Fernandes (2003), Ferracini e Maia (2006), Ferreira (2000, 2003), Katrib (2006), Maia (1999, 2001, 2004), Ramagen (1997), Saraiva e Silva (2008), Silveira (2006)
• Formas Simbólicas	Corrêa (2005), Mello (2003, 2008), Silva, J. (2004)
• Gênero e Sexualidade	Silva, J. (2005, 2008)
• Grupos Étnicos	Barbosa (2003), Oliveira (2007), Povea (2008), Ratts (2004), Souza, J. (2007)
• História e Biografia	Corrêa, (1997a, 1997b, 1999, 2001), Gomes (1999), Hoefle (1999, 2006), Holzer (1997, 2001, 2004, 2005), Mello (2001, 2005), Seemann (2000, 2004, 2005)
• Identidade Territorial	Câmara (2005), Costa, B. (2005), Haesbaert (1999, 2001), Pantoja e Maués (2008), Ramagen (1998), Souza, J. (2006), Souza, M. (2001), Yázigi (2001)
• Imagens	Barbosa e Corrêa, A. (2001), Costa, M.H. (2002, 2005), Daou (2001), Myanaki (2008), Novaes (2008), Santos, A. (2008)
• Imaginário Espacial	Almeida (1998, 2004), Barbosa (1998), Bueno (2007), Castro (2001), Coriolano (2001), Geiger (2001), Hoefle (1996), Silva, M. (2001)
• Literatura e Música	Barcellos (2006), Barros (2000), Bastos (1998), Cardoso (2008), Guimarães (2008), Haesbaert (1997), Mesquita (1997), Monteiro (1998), Silva, A. (2008), Vilanova Neta (2004, 2008)
• Paisagem Cultural	Cabral e Buss (2002), Costa, O. (2003), Gomes, E. (2001), Gomes (2004), Holzer (2008), Luchiarì (2001), Melo, V. (2001), Rizzo (2007), Romancini (2005), Silva, T. (2008)
• Reflexões Teóricas	Gil Filho (2005), Gomes (1998, 2005, 2008), Holzer (1999), Rosendahl (1995, 1996a, 2003, 2008)
• Região Cultural	Corrêa (2008), Rosendahl e Corrêa (2000)
• Religião	Andrade (2006), Barbosa de Jesus (2001a, 2001b, 2006), Cardoso, K. (2006), Castro, J. (2008), Corrêa, M. (2006), Costa, A. (2001), Gil Filho e Gil (2001), Gil Filho (2008), Girão (2001), Lamego (2004), Machado (1997), Mattos (2001), Rosendahl (1996, 1999a, 1999b, 2001a, 2001b, 2005), Sahr (2001), Vasconcellos, Rj. (2001), Vasconcelos (1997).
• Urbano	Castro e Antônio Filho (2006), Laitano (2004), Mello (1995), Oliveira, J.A. (2008), Piñon e Mizubuti (2008), Serpa (2007)
• Outros	Mascarenhas (2005)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este breve e pouco denso texto procurou fazer uma avaliação preliminar da geografia cultural brasileira. Apenas iniciou-se este trabalho que requer uma análise descritiva e interpretativa mais profunda.

Ressaltamos nestas considerações finais que em menos de 20 anos um sub-campo foi implantado e, se sob suspeita inicial, ampliou-se e já oferece um importante, e não uniforme, acervo para aqueles que estão interessados em compreender a espacialidade humana. Nesta espacialidade há uma dimensão cultural, dimensão integrada às demais esferas da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDERMAN, M. Street Names and the Scaling of Memory. The Politics of Commemorating Martin Luther King Jr. within the African-American Community. **Area**, 33(2), p. 163-172, 2003.

ALMEIDA, M.G. Geografia Cultural e Geógrafos Culturalistas: Uma Leitura Francesa. **Geosul**, 8, pp. 40-62, 1993.

_____. Em Busca do Poético do Sertão. **Espaço e Cultura**, 6, p. 25-46, 1998.

_____. A Reinvenção da Natureza. **Espaço e Cultura**, 17-18, p. 41-53, 2004.

ANDRADE, L.M. Dioceses como Territórios de Ocupação da Igreja Católica no Estado do Rio Grande do Sul. **Espaço e Cultura**, 21, 2006.

BARBOSA, J.L. Paisagens Americanas: Imagens e Representações do Wilderness. **Espaço e Cultura**, 5, pp. 43-54, 1998.

_____. Do Delta do Níger ao Recôncavo: O Sentido da Natureza na Cultura Ioruba. **Espaço e Cultura**, 16, pp. 57-63, 2003.

_____. CORRÊA, A.M. A Paisagem e o Trágico em O Amuleto Ogum. In: Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

BARBOSA DE JESUS, S.R.C. A Pastoral da Terra e os Assentamentos Rurais: O Mutirão Eldorado como Estudo de Caso. **Espaço e Cultura**, 11-12, pp. 59-70, 2001a.

_____. A Territorialidade do Movimento de Renovação Carismática Católica na Paróquia Na Sa de Copacabana, RJ. **Espaço e Cultura**, 11-12, pp. 83-94, 2001b.

_____. A Territorialidade da Igreja Católica Apostólica Romana do Nordeste Brasileiro – 2000. **Espaço e Cultura**, 21, 2006.

BARCELLOS, F.R. Espaço, Lugar e Literatura – O Olhar Geográfico Machadiano sobre a Cidade do Rio de Janeiro. **Espaço e Cultura**, 25, 2008.

BARNES, T.J. Placing Ideas, Genius Loci, Heterotopia and Geography's Quantitative Revolution. **Progress in Human Geography**, 23(5), pp. 565-595, 2004.

BARROS, J.F.P. Mito, Memória e História: A Música Sacra. **Espaço e Cultura**, 9-10, p. 35-48, 2000.

BASTOS, A.R. Espaço e Literatura: Algumas Reflexões Teóricas. **Espaço e Cultura**, 5, pp. 56-66, 1998.

BERQUE, A. Paisagem–Marca, Paisagem–Matriz. Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In R.L. Corrêa e Z. Rosendahl (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998.

- BEZERRA, A.C.A. Festa e Cidade: Entrelaçamentos e Proximidades. **Espaço e Cultura**, 23, 2007 (eletrônico).
- BUENO, M.F. Natureza como Representação da Amazônia. **Espaço e Cultura**, 23, 2007 (eletrônico).
- CABRAL, L.O. e BUSS, M.D. A Paisagem como Campo de Visibilidade e Significação: Um Estudo de Caso. **Espaço e Cultura**, 13, pp. 47-62, 2002.
- CÂMARA, M.A. Os Movimentos Sociais de Base Indígenas e a Construção de Identidade Sócio-Territorial na Bolívia. **Espaço e Cultura**, 19-20, pp. 71-78, 2005.
- CAPEL, H. **Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporânea**. Barcelona, Barcanova, 1981.
- CARDOSO, E.S. A Metrópole na Linha de Baixo : Itamar Assumpção e a Geografia da Cidade de São Paulo. **Espaço e Cultura**, 25, 2008 (eletrônico).
- CARDOSO, K.V. A Igreja Católica no Estado de Santa Catarina e Suas Territorialidades. **Espaço e Cultura**, 21, 2006 (eletrônico).
- CASSIRER, E. **Filosofia das Formas Simbólicas – 1: A Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2001 (1923).
- CASTRO, I.E. Natureza, Imaginário e a Reinvenção do Nordeste. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.
- CASTRO, J.R.B. A Topografia do Sagrado e a Natureza Mítica das Cidades-Santuário: Uma Leitura a Partir de Bom Jesus da Lapa, BA. **Espaço e Cultura**, 24, 2008 (eletrônico).
- CASTRO, D.M. e Antonio Filho, F.D. A Cultura como Forma de Resistência ao Processo de Metropolização, O Caso do Bairro da Mooca, SP. **Espaço e Cultura**, 22, 2006 (eletrônico).
- CLAVAL, P. Geografia Cultural. Florianópolis, EDUSC, 1999.
- CLAVAL, P. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.
- CORIOLANO, L.N.M.T. O Real e o Imaginário nos Espaços Turísticos. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.
- CORRÊA, A.M. Não Acredito em Deuses que não Sabem Dançar: A Festa do Candomblé e Território Encarnador da Cultura. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Geografia: Temas sobre Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2005.
- CORRÊA, A.M. Festas da Irmandade da Boa Morte: A Disputa pelo seu Sentido. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2008.
- CORRÊA, M.F.N. Territorialidade Católica na Amazônia: Um Exemplo de Periodização. **Espaço e Cultura**, 21, 2006 (eletrônico).
- CORRÊA, R.L. Hinterlândias, Hierarquias e Redes: Uma Avaliação da Produção Geográfica Brasileira. In A.F.A. Carlos. (Org.) **Os Caminhos da Reflexão sobre Cidade-Urbano**. São Paulo, EDUSP, 1994.
- CORRÊA, R.L. Carl Sauer e a Geografia Cultural. In R.L. Corrêa (Org.) **Trajatórias Geográficas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997a (1989).
- CORRÊA, R.L. A Dimensão Cultural do Espaço. In R.L. Corrêa (Org.) **Trajatórias Geográficas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997b.
- CORRÊA, R.L. Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999.

CORRÊA, R.L. Carl Sauer e a Escola de Berkeley: Uma Apreciação. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

CORRÊA, R.L. A Geografia Cultural e o Urbano. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

_____. Monumentos, Política e Espaço. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2005.

_____. Sobre a Geografia Cultural. **Textos NEPEC**, 3, 2007.

CORRÊA, R.L. Região Cultural: Um Tema Fundamental. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2008.

_____. ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Geografia Cultural: Um Século (3)**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2002.

_____. ROSENDAHL, Z. Brazilian Studies in Cultural Geography. In R. Kitchin (Org.) **Mapping Worlds**. International Perspectives in Social and Cultural Geographies. Londres, Routledge, 2007.

COSGROVE, D. Mundos de Significados. Geografia Cultural e Imaginação. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Geografia Cultural: Um Século (3)**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2000.

COSGROVE, D. Em Direção a Uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003 (1983).

_____. JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. In R.L. Corrêa e Z. Rosendahl (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

COSTA, A.C. O Poder Econômico e Territorial dos Jesuítas no Brasil Colônia: A Organização Espacial da Companhia de Jesus no Rio de Janeiro nos Séculos XVI ao XVIII. **Espaço e Cultura**, 11-12, p. 77-82, 2001.

COSTA, B.P. As Relações entre os Conceitos de Território, Identidade e Cultura no Espaço Urbano. Por uma Abordagem Microgeográfica. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2005.

COSTA, M.H.B.V. Espaço, Tempo e a Cidade Cinemática. **Espaço e Cultura**, 13, p. 63-76, 2002.

_____. Geografia Cultural e Cinema. Práticas, Teorias e Métodos. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2005.

COSTA, O. Memória e Paisagem: Em Busca do Simbólico dos Lugares. **Espaço e Cultura**, 15, p. 33-49, 2003.

DAOU, A.M.L. Tipos e Aspectos do Brasil. Imagens e Imagem do Brasil. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

DINIZ FILHO, L.L. O “Monumento dos Bandeirantes”: Um Estudo Crítico sobre as Relações entre Espaço, Cultura e Política. **Boletim Paulista de Geografia**, 71, pp. 65-82, 1992.

DUNCAN, J. Após a Guerra Civil – Reconstruindo a Geografia Cultural como Heterotopia. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Geografia Cultural: Um Século (2)**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2000.

DUNCAN, J. O Supra-Orgânico na Geografia Cultural Americana. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003 (1980).

FELIPE, J.L.A. Festa e Poder Político. **Espaço e Cultura**, 23, 2007 (eletrônico).

FERNANDES, N.N. Geografia Cultural, Festa e Cultura Popular. Limites do Passado e Possibilidades do Presente. **Espaço e Cultura**, 15, p. 23-32, 2003.

- FERRACINI, R. e Maia, C.E.S. O Espetáculo na Praça: A Roda de Capoeira. Angola. **Espaço e Cultura**, 22, 2006 (eletrônico).
- FERREIRA, L.F. Rio de Janeiro, 1850-1930: A Cidade e seu Carnaval. **Espaço e Cultura**, 9-10, p. 7-34, 2000.
- _____. O Lugar Festivo: A Festa com Essência Espaço-Temporal do Lugar. **Espaço e Cultura**, 15, pp.7-22, 2003.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico Editora S.A., 1989 (1973).
- GEIGER, P. P. Litoralização e Interiorização no Brasil. In. Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1991.
- GIL FILHO, S.F. Geografia Cultural: Estrutura e Primado das Representações. **Espaço e Cultura**, 19-20, p. 51-59, 2005.
- GIL FILHO, S.F. Haifa e Akka. Hierofânias e Formas Simbólicas Baha'is no Coração do Mundo. **Espaço e Cultura**, 24, 2008 (eletrônico).
- GIL FILHO, S.F. e GIL, A.M. Identidade Religiosa e Territorialidade do Sagrado. Notas para Teoria do Fato Religioso. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.
- GIRÃO, M.G.S. O Sagrado e o Urbano: Fé e Tradição no Espaço do Outeiro. **Espaço e Cultura**, 11-12, pp. 71-76, 2001.
- GOMES, E.T.A. Natureza e Cultura. Representações na Paisagem. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2001.
- GOMES, P.C.C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.
- _____. Identidade e Exílio: Fundamentos para a Compreensão da Cultura. **Espaço e Cultura**, 5, pp. 31-42, 1998.
- _____. Cultura ou Civilização: A Renovação de um Importante Debate. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999.
- _____. A Cultura Pública e o Espaço: Desafios Metodológicos. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.
- _____. A Paisagem Urbana como Cenário de uma Cultura: Algumas Observações a Propósito do Canadá. **Espaço e Cultura**, 17-18, pp. 7-16, 2004.
- _____. Versalhes Não Tem Banheiros. As Vocações da Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, 19-20, pp. 41-49, 2005.
- _____. Cenários para a Geografia: Sobre a Espacialidade das Imagens e suas Significações. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2008.
- GUIMARÃES, R.B. Escala Geográfica e Partitura Musical: Considerações Acerca do Sistema Modal e Tonal. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2008.
- HAESBAERT, R. Território, Poesia e Identidade. **Espaço e Cultura**, 3, p. 20-32, 1997.
- _____. Identidades Territoriais. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999.
- _____. Território, Cultura e Des-Territorialização. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.
- HALL, S. **Representations.Cultural Representations and Signifying Practices**. Londres, Routledge Publications, 1997.

HOEFLE, S.W. Visões de Outro Mundo e Desencantamento Ambiental e Social do Sertão Nordestino. **Espaço e Cultura**, 2, p. 1-25, 1996.

HOEFLE, S.W. Cultura na História do Pensamento Científico. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, UFRJ, 2, p. 6-29, 1998.

HOEFLE, S.W. O Futuro da Cultura: O Espectro do Neodarwinismo. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999.

HOEFLE, S.W. Antropologia e Geografia: Convergências e Divergências Históricas. **Espaço e Cultura**, 22, 2006 (eletrônico).

HOLZER, W. **A Geografia Humanista: Sua Trajetória de 1950 a 1990**. Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia, UFRJ, 1992.

_____. A Geografia Humanista – Uma Revisão. **Espaço e Cultura**, 3, p. 8-18, 1997.

_____. Paisagem, Imaginário, Identidade: Alternativas para o Estudo Geográfico. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999.

_____. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

_____. Augustin Berque: Um Trajeto pela Paisagem. **Espaço e Cultura**, 17-18, pp. 55-63, 2004.

_____. A Geografia Cultural e a História: Uma Leitura a Partir da Obra de David Lowerthal. **Espaço e Cultura**, 19-20, p. 23-32, 2005.

_____. Trajeção: Reflexões Teóricas sobre a Paisagem Vernacular. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2008.

JACKSON, P. **Maps of Meaning**. Londres, Routledge, 1989.

KATRIB, C.M.I. Espaços Desvelados: A Dinamicidade dos Festejos do Rosário em Catalão, GO. **Espaço e Cultura**, 21, 2006 (eletrônico).

LAITANO, G.S. Os Territórios, os Lugares e a Subjetividade: Construindo a Geograficidade pela Escrita no Movimento Hip Hop no Bairro Restinga em Porto Alegre, RS. **Espaço e Cultura**, 17-18, p. 33-40, 2004.

LAMEGO, M. A Territorialidade da Igreja Católica em Minas Gerais. **Espaço e Cultura**, 17-18, p. 119-127, 2004.

LIVINGSTONE, D.N. **The Geographical Tradition**. Oxford, Blackwell, 1992.

LUCHIARI, M.T.D.P. A (Re)Significação da Paisagem no Período Contemporâneo. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

MACHADO, M.S. A Territorialidade Pentecostal: Uma Contribuição à Dimensão Territorial da Religião. **Espaço e Cultura**, 4, p. 36-49, 1997.

MAIA, C.E.S. Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das Festas Populares. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999.

_____. O Retorno para a Festa e a Transformação Mágica do Mundo: Nos Caminhos da Emoção. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

_____. Vox Papuli Vox Dei: A Romanização e as Reformas das “Festas de Santo” (Implicações nas Práticas Espaciais nas Festas do Divino Espírito Santo e do Divino Pai Eterno de Goiás). **Espaço e Cultura**, 17-18, pp. 99-166, 2004.

- MARCIAL, A.P. O Largo da Carioca e Seu Mierocosmos: Um Olhar Geocultural. **Espaço e Cultura**, 21, 2006 (eletrônico).
- MASCARENHAS, G. A Mutante Dimensão Espacial do Futebol. Formas Simbólicas e Identidade. **Espaço e Cultura**, 19-20, p. 61-70, 2005.
- MATTOS, M.C. Fé, Espaço e Tempo: Difusão e Espacialidade da Igreja Batista no Rio de Janeiro na Década de 1990. **Espaço e Cultura**, 11-12, p. 45-58, 2001.
- MELLO, J.B.F. **O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira – 1928/1991**. Uma Introdução à Geografia Humanística. Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia, UFRJ, 1991.
- _____. Explosões e Estilhaços de Centralidades no Rio de Janeiro. **Espaço e Cultura**, 1, p. 23-43, 1995.
- _____. Descortinando e (Re)Pensando Categorias Espaciais com Base na Obra de Yi-Fu Tuan. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.
- _____. Símbolos dos Lugares, dos Espaços e dos Deslugares. **Espaço e Cultura**, 16, p. 64-72, 2003.
- _____. Valores em Geografia e o Dinamismo do Mundo Vivido na Obra de Anne Buttimer. **Espaço e Cultura**, 19-20, pp. 33-39, 2005.
- _____. O Rio dos Símbolos Oficiais e Vernaculares. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2008.
- MELO, V.M. Paisagem e Simbolismo. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.
- MESQUITA, Z. A Geografia Social na Música do Prata. **Espaço e Cultura**, 3, pp. 35-41, 1997.
- MITCHELL, D. **Cultural Geography: A Critical Introduction**. Oxford, Blackwell, 2000.
- MONTEIRO, C.A.F. Espaço Iluminado no Tempo Volteador. **Espaço e Cultura**, 6, p. 17-34, 1998.
- MYANAKI, J. Paisagens de São Paulo no Tempo e no Espaço. **Espaço e Cultura**, 25, 2008 (eletrônico).
- MYERS, G.A., McGeevy, P., Carney, G.O. e Kenny, J. Cultural Geography. In G.L. Gaile e G.L. Willmott (Org.) **Geography in America at the Dawn of 21st Century**. Oxford, Oxford University Press, 2003.
- NOVAES, A.R. Cartografia Jornalística, Imagem e Significação: Um Estudo das Representações das Drogas Ilícitas na Imprensa Brasileira. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Corrêa. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2008.
- OLIVEIRA, B.C. Cultura e Natureza: Um Exemplo entre os Xavantes da TI Sangradouro/Volta Grande, MT. **Espaço e Cultura**, 23, 2007 (eletrônico).
- OLIVEIRA, J.A. Espaço – Tempo de Manaus: A Natureza das Águas na Produção do Espaço Urbano. **Espaço e Cultura**, 23, 2007 (eletrônico).
- PANTOJA, V. e MAUÉS, R.H. O Círio de Nazaré na Constituição e Expressão de uma Identidade Regional Amazônica. **Espaço e Cultura**, 24, 2008 (eletrônico).
- PIÑON, M. e MIZUBOTI, S. Niterói: O Jogo Político e sua Repercussão na Paisagem, Cultura e Representação. **Espaço e Cultura**, 25, 2008 (eletrônico).
- PIRES DO RIO, G.A. Espaço, Economia e Cultura: Uma Possível Agenda de Pesquisa. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

- PIRES DO RIO, G.A. Jogo de Espelhos. A Dimensão Cultural do Econômico. **Espaço e Cultura**, 15, pp. 51-60, 2003.
- PÓVOA, C.A. Uma Abordagem da Ambivalência Cultural do Judeu no Espaço Não-Judeu: A Construção do Lugar. **Espaço e Cultura**, 24, 2008 (eletrônico).
- RAMAGEM, S.B. A Alegria do Movimento: As Lembranças Nômades do ‘SUCCOT’. **Espaço e Cultura**, 4, p. 19-35, 1997.
- RAMAGEM, S.B. Eretz Yiroel: Território e Identidade Lúdica. **Espaço e Cultura**, 6, pp. 47-62, 1998.
- RATTS, A.J.P. Etnias e os Outros: As Espacialidades dos Encontros/Confrontos. **Espaço e Cultura**, 17-18, p. 77-87, 2004.
- RISSO, L.C. Paisagens e Cultura: Uma Reflexão Teórica a Partir do Estudo de uma Comunidade Indígena Amazônica. **Espaço e Cultura**, 23, 2007 (eletrônico).
- ROMANCINI, S.R. Paisagem e Simbolismo no Arraial Pioneiro São Gonçalo, Cuiabá, MT. **Espaço e Cultura**, 19-20, p. 79-85, 2005.
- ROSENDAHL, Z. Porto das Caixas. **Espaço Sagrado da Baixada Fluminense**. Tese de Doutorado, Departamento de Geografia, USP, 1994.
- _____. Geografia e Religião: Uma Proposta. **Espaço e Cultura**, 1, p. 45-74, 1995.
- _____. **Espaço e Religião**: Uma Abordagem Geográfica. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1996a.
- _____. **O Sagrado e o Urbano**: Gênese e Função das Cidades. **Espaço e Cultura**, 2, pp. 26-30, 1996b.
- _____. **Hierópolis**: O Sagrado e o Urbano. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999a.
- _____. O Espaço: O Sagrado e o Profano. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999b.
- _____. Diversidade, Religião e Política. **Espaço e Cultura**, 11-12, pp. 27-32, 2001a.
- _____. Espaço, Política e Religião. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001b.
- _____. Construindo a Geografia da Religião no Brasil. **Espaço e Cultura**, 15, pp. 61-68, 2003.
- _____. Território e Territorialidade: Uma Perspectiva Geográfica para o Estudo da Religião. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Geografia**: Temas sobre Espaço e Cultura. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2005.
- _____. Os Caminhos da Construção Teórica: Ratificando e Exemplificando as Relações entre Espaço e Religião. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Espaço e Cultura**: Pluralidade Temática. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2008.
- _____. CORRÊA, R.L. (orgs.) – **Geografia Cultural**: Um Século (2). Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.
- _____. CORRÊA, R.L. Heterogeneidade e Transformação Espacial no Brasil. **Espaço e Cultura**, 10, pp. 57-64, 2000.
- SAHR, W.D. O Mundo de São Jorge e Ogum: Contribuição para uma Geografia da Religiosidade Sincrética. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.
- SARAIVA, A.L. e SILVA, J.C. Espacialidade das Festas Religiosas em Comunidades Ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. **Espaço e Cultura**, 24, 2008 (eletrônico).
- SANTOS, A.N.G. A Geografia das Imagens: Discutindo o Espaço Público na Obra de Eric Rohmer. **Espaço e Cultura**, 25, 2008 (eletrônico).

- SEEMANN, J. Geografia Cultural: A Inovação da Tradição ou a Tradição da Inovação? **Espaço e Cultura**, 9-10, pp. 49-56, 2000.
- SEEMANN, J. A Morfologia da Paisagem Cultural de Otto Schlüter: Marcas Visíveis da Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, 17-18, p. 65-75, 2004.
- _____. Em Busca do Lugar de Franz Boas na Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, 19-20, p. 7-21, 2005.
- SERPA, A. Cultura de Massa versus Cultura Popular na Cidade do Espetáculo e da Retradicionalização. **Espaço e Cultura**, 22, 2007 (eletrônico).
- SILVA, A.C. A Leitura Urbana de Lima Barreto em Clara dos Anjos. **Espaço e Cultura**, 25, 2008 (eletrônico).
- SILVA, J.M. A Forma Urbana Vertical e as Representações Sociais. **Espaço e Cultura**, 17-18, p. 17-32, 2004.
- _____. Análise do Espaço sob a Perspectiva do Gênero: Um Desafio para a Geografia Cultural Brasileira. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Geografia: Temas Sobre Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2005.
- _____. Amor, Paixão e Honra como Elementos da Produção do Espaço Cotidiano Feminino. **Espaço e Cultura**, 22, 2007.
- SILVA, M.G.F. A Praia e o Imaginário Social. Discurso Médico e Mudança de Significados na Cidade do Rio de Janeiro. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.
- SILVA, T.R.F. Se não são ilusões, estamos num teatro': a Possibilidade da Paisagem como Cenário. **Espaço e Cultura**, 25, 2008 (eletrônico).
- SILVEIRA, P.R.M. A Manifestação da Festa de Pessach em seu Espaço e Tempo de Tradição, Identidade e Simbolismo. **Espaço e Cultura**, 21, 2006 (eletrônico).
- SOUSA, R.R. Imaginação Portuguesa, Identidade e Representação Geográfica: O Lugar da Casa Regional no Movimento Associativo Luso-Brasileiro. **Espaço e Cultura**, 22, 2006 (eletrônico).
- SOUZA, J.L. A (In)visibilidade dos Lugares Kadiweu: Contribuição da Geografia Cultural para o Estudo de Populações Indígenas. **Espaço e Cultura**, 23, 2007 (eletrônico).
- SOUZA, M.L. Território do Outro, Problemática do Mesmo? O Princípio da Autonomia e a Superação da Dicotomia Universalismo Ético versus Relativismo Cultural. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org.) **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.
- STERNBERG, H.O. **A Água e o Homem na Várzea do Carneiro**, Belém. Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998 (1956).
- VALVERDE, R.H.F. Por uma Perspectiva Geográfica dos Espaços Públicos: Repensando a Espacialidade da Dimensão Social. **Espaço e Cultura**, 22, 2006 (eletrônico).
- VASCONCELLOS, R.M. Igreja Presbiteriana do Brasil: Difusão Espacial da Fé e Área de Abrangência no País. **Espaço e Cultura**, 11-12, p. 33-44, 2001
- VASCONCELOS, P.A. "Cultura, Religião e Escravidão na Bahia (1549-1888)". **Espaço e Cultura**, 4, pp. 8-18, 1997.
- VILANOVA NETA, M.A. Decifrando o Espaço a Partir da Literatura. **Espaço e Cultura**, 17-18, pp. 107-118, 2004.
- _____. Representações Literárias da Metrópole: Uma Contribuição ao Estudo do Urbano em Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, 25, 2008 (eletrônico).

YÁZIGI, E. A Natureza como Identidade Espacial do Turismo. In Z. Rosendahl e R.L. Corrêa (Org). **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

WILLIAMS, R. Base e Superestrutura na Teoria Cultural Marxista. **Espaço e Cultura**, 14, p. 7-21, 2003 (1973).

Recebido em abril de 2008

Aceito em agosto de 2008